

# Texto e leitura hipertextual: novos produtos, velhos processos

Ana Elisa RIBEIRO  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** *Ao repensar o texto e o hipertexto na perspectiva do letramento digital, este trabalho aponta uma continuidade entre as tecnologias impressa e digital, particularmente no âmbito da leitura e da escrita. Segundo nossa hipótese, validada em pesquisa de caráter qualitativo na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, o leitor habituado ao hipertexto impresso reconfigura suas práticas em direção ao hipertexto digital, não sendo necessário reaprender a lidar com o novo suporte, senão apenas reorientar certos gestos de leitura. É de suma importância, para se obter este resultado, que o texto em meio digital sofra as modificações sugeridas e testadas pela Usabilidade.*

**Palavras-chave:** *texto; hipertexto; leitura.*

## INTRODUÇÃO

Ao revisitar a história das Ciências Cognitivas, é possível listar várias teorias sobre como a mente funciona e um sem-número de dúvidas a respeito da relação corpo/mente. A história do pensamento sobre a mente registra teorias curiosas, como aquela segundo a qual um homúnculo habitaria o cérebro e controlaria todos os movimentos e funções do corpo. Entre os nomes conhecidos, René Descartes talvez seja o mais importante. Para ele, mente e cérebro seriam aspectos separados do ser humano, enquanto para outros pensadores essa separação não existe (Gardner, 1996; Damásio, 1996). Subseqüentes a tais questões estão as investigações sobre o cérebro e a linguagem sob várias e diversas luzes. Em qualquer caso, trata-se de campos de pesquisa infinitos.

Em relação à linguagem, são conhecidas as pesquisas preliminares (e até mesmo rudimentares) da anatomia sobre os “lugares” do cérebro que comandariam certas habilidades.

A área de Broca e a área de Wernicke ficaram conhecidas como os “centros de linguagem” a partir da observação sistemática de pacientes com lesões em partes específicas do cérebro. Mesmo que as conclusões desses estudos tenham sido próximas da verdade, há nas entrelinhas de todos eles posicionamentos filosóficos acerca da relação mente/cérebro que acarretam outros posicionamentos, inclusive sobre a natureza da linguagem e da aprendizagem.

Atualmente, afastando aportes teóricos que julgam o pensamento um processo linear, várias teorias, tanto na Lingüística quanto nas Ciências da Computação, preferem explicações muito mais complexas e reticulares sobre a mente, a linguagem e, mais especificamente, a leitura e a escrita.

Na história do pensamento sobre o processo de leitura, os pesquisadores de várias áreas, tais como a psicologia ou mesmo a inteligência artificial, estiveram às voltas com as abordagens conhecidas como *top-down* e *bottom-up*, que explicavam a leitura, respectivamente, como atividade em que o leitor é o centro da construção dos sentidos ou, ao contrário, que consideravam que o texto fosse a fonte de todo o sentido, sendo o leitor mero capturador de significados. Qualquer dessas abordagens da leitura ganhou ares de insuficiência quando surgiu um posicionamento um tanto mais ponderado: o sociointeracionismo, segundo o qual a produção dos sentidos acontece na interação entre leitor (e todo o seu repertório) e texto (com suas marcas explícitas e implícitas) (Solé, 1998).

Esta última maneira de pensar o processo de leitura nos interessa de perto, já que fornece explicações mais razoáveis sobre como os leitores/usuários lidam com a leitura em diferentes suportes, incluindo o suporte digital. A maneira como reconfiguramos nossas práticas na aprendizagem de novos trajetos e gestos de leitura se parece muito mais com uma troca retroalimentada de aprendizados do que com uma ação de mão única.

A pesquisa que realizamos no Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais no biênio 2001-2003, intitulada *Ler na tela – novos suportes para velhas tecnologias* (Ribeiro, 2003), reforçou a idéia de que a leitura não só acontece de maneira hipertextual, seja o texto (produto) como for e onde estiver, como também o leitor reconfigura seus conhecimentos sobre o texto, os suportes e a tecnologia de ler à medida que aprende um novo gesto de leitura. Também a leitura está intimamente relacionada ao suporte do texto, tanto que chega a se confundir com ele, no caso de alguns gêneros textuais emergentes, como o e-mail e o blog<sup>1</sup>, e a simular o processo de leitura e pensamento, no caso dos hipertextos digitais.

Em nossa pesquisa, de caráter qualitativo, acompanhamos um experimento que envolveu leitores proficientes de jornais impressos e digitais, com a finalidade de rastrear, em suas ações, as marcas de um modo de leitura no outro (em papel e em tela). Mais adiante, nos propusemos avaliar, por meio de protocolo verbal e análise de um questionário, se a compreensão dos textos lidos nos dois suportes sofria modificações importantes, especialmente se a leitura feita em tela seria prejudicada pelo meio. O que se percebe é que qualquer desvalor conferido à leitura em tela tem mais relação com nosso apego à cultura do impresso do que aos novos suportes em si mesmos.

Neste trabalho e em nossas pesquisas, entendemos que se possa considerar o texto como produto, objeto físico que ocupa lugar no espaço ou que se realiza elaborado em linguagem verbal, ainda que seja virtual, em diversos

---

<sup>1</sup> Interface para postagem de imagens e textos em que o leitor/usuário administra, com bastante facilidade, a publicação de seu material. Em princípio, os blogs foram considerados os novos diários virtuais; no entanto, passaram a ser o suporte do jornalismo (webjornalismo, jornalismo participativo) e dos escritores que desejavam experimentar novos meios de escrever e novas redes de sociabilidade.

formatos, e o texto como processo, ou seja, sendo lido e construído à medida que o leitor o ‘desenrola’, ou sendo reconfigurado de acordo com o repertório do leitor e sua interferência no texto-produto.

Na esteira dos modelos de leitura que consideram que a mente não funciona linearmente e que seu modo de processar textos tenha sempre sido “em rede”, é necessário destacar o matemático Vannevar Bush, que, com o artigo *As we may think* (1945), descrevia um modelo de funcionamento da mente para contextos informáticos que contaminou toda a história do desenvolvimento de hipertextos, inclusive ensinando que muitos pesquisadores das décadas seguintes adotassem uma conceitualização de texto e hipertexto tão cartesiana quanto prejudicial à compreensão dos processos de leitura.

Este trabalho pretende rever o histórico do tratamento que se tem dado ao hipertexto, assim como criticar os posicionamentos sincrônicos que desconsideram a história das práticas da leitura do homem ocidental, tão antigas quanto o funcionamento da mente leitora. Também sugeriremos uma forma que pensamos ser mais adequada de conceber a relação entre texto e hipertexto, além de mostrar que a leitura de artefatos diferentes, principalmente dos mais novos, aciona sempre, no leitor, o conhecimento dos gestos familiares de ler. Na conclusão, sugerimos levemente uma postura para a escola que lida com o aluno leitor de papel e de tela.

#### HIPERTEXTOS E TEXTOS – A MESMA COISA?

O que é um texto? A questão vem sendo pensada há séculos e encontra definições bastante diversas. O texto pode ser verbal, oral ou impresso, e pode ser revestido de imagem. Para aqueles que se posicionam com a Semiótica, os textos são quaisquer sistemas semióticos passíveis de leitura ou de

construção de sentido por um leitor (por exemplo, Santaella, 2004). Para os que lidam com o texto digital, a questão é também intrigante: sendo verbal, mas não sendo oral nem impresso, o que é o texto digital? Todo texto em meio digital é hipertexto? Toda produção transferida (e simplesmente transposta) do meio impresso para o meio digital é, então, um hipertexto? A relação texto / imagem é ainda mais íntima na World Wide Web? A má diagramação no texto, na WWW, põe mais obstáculos para o leitor do que o que ocorre no impresso? Ou será que os pesquisadores têm se esquecido de verificar, na história das tecnologias de registro da escrita, que os textos jamais foram abstraídos de seus suportes?

A “transparência” da diagramação e do formato dos textos dá certa sensação de que eles sejam suficientes e completos para a leitura, mas qualquer profissional de *design* sabe de quanto trabalho precisa um texto para dar conforto ao leitor. À medida que os leitores / usuários se apropriaram da WWW, foi-se formando uma comunidade de estudiosos também interessados em formular textos mais adequados ao meio e às demandas do leitor específico dos ambientes digitais. O incômodo do leitor de tela passou a ser estudado e os resultados disso foram revertidos para a melhora das condições de uso do meio, ao que se denominou Usabilidade (uma especialidade das Ciências da Computação).

Alguns autores fazem a distinção diametral entre *texto* – impresso, supostamente linear – e *hipertexto* – digital, virtual, supostamente ‘em rede’<sup>2</sup>. É o caso, por exemplo, de Laufer e Scavetta (s./d.), cujas oposições são a de *texto* para o material escrito fora do meio digital e *hipertexto* como texto no meio digital. Para os autores, para serem hipertextos, as produções escritas devem ter certas características, sendo a principal a não-linearidade, tanto em meio impresso quanto em meio digital.

---

<sup>2</sup> Em Rouet et al. (1996) também é possível encontrar muitos experimentos conduzidos a partir dessa oposição.

Já Roger Chartier (1998) não menciona o termo *hipertexto*, mas lida com as caracterizações bem-delimitadas de *texto impresso*, *texto manuscrito* ou *texto eletrônico*, o que, à primeira vista, parece mais conveniente. A distinção entre manuscrito e impresso é ocasionada, obviamente, pela mudança de tecnologia de registro de escrita. Já o texto eletrônico se oporia às outras duas no que possui de novidade em relação ao suporte, não mais o papel (ao menos em princípio).

Também a distinção de *hipertexto impresso* por oposição à de *hipertexto eletrônico* nos parece vaga e inadequada, já que não define o que seja hipertexto e dicotomiza a relação entre o texto em um e em outro material, o papel e o pixel<sup>3</sup>. Portanto, pensamos que não seja adequado separar dessa forma as duas realizações do texto uma vez que o *texto eletrônico* pode estar na televisão, no rádio e em outros suportes eletroeletrônicos, que muito se relacionam com o gênero de texto, cada qual com suas especificidades de produção e alcance.

O que sugerimos neste trabalho, entre outras coisas, é uma nomenclatura mais justa para as diversas formas de realização de um texto, de acordo, sempre, com o suporte em que ele se encontra, com tudo o que isso pode implicar para o leitor e para o produtor (autor), além de pensar a leitura hipertextual como um processo que, em larguíssima medida, independe da aparente linearidade do texto-produto. Na tentativa sincera de redefinir as diferenças, sugerimos:

- *texto* – como materialidade, seja ela qual e onde for;
- *leitura hipertextual* – como modo de operar não-linearmente, algo que a mente faz de forma balística e natural na leitura de qualquer texto, seja ele oral, impresso ou digital, linear ou não-linear em sua aparência;

---

<sup>3</sup> Do inglês *picture element*, cada ponto que compõe a imagem na tela do computador.

- *hipertexto impresso* – no caso de materialidades que simulem a não-linearidade da leitura como processo mental;
- *hipertexto digital* – caso essa simulação ocorra no computador, excluindo o termo ‘eletrônico’, pelos motivos expostos anteriormente.

Admitindo essa diferenciação e assumindo-a como adequada e coerente, é possível afirmar que texto e hipertexto, como produtos, podem ser realizações diferentes apenas em relação às suas formatações, que, no entanto, dão ao leitor pistas importantes. A leitura, sim, será sempre um processo complexo e não-linear.

#### HISTÓRIA DAS IDÉIAS

A pretensa novidade do hipertexto tem suas origens na história da informática e da engenharia de computação, algo que, de fato, influenciou o entendimento que o senso comum e até mesmo alguns pesquisadores respeitáveis têm da relação entre texto e suporte.

A história do hipertexto, apurada junto a Pierre Lévy e Roger Chartier, dá condições de sustentar a idéia de que a não-linearidade do texto não ocorria apenas na forma do texto digital. Segundo Lévy (1993), o informata Vannevar Bush, em 1945, foi o primeiro a conceber a *idéia* de *hipertexto* como uma rede interconectada de dados e informações e, para muito além disso, foi o primeiro a desconfiar de que a cognição humana não funciona de maneira hierarquizada e seqüencial. Para ele, que se atinha aos problemas de um banco de dados informático, o pensamento e a memória humanos funcionavam de maneira múltipla, interconectada e de fácil acesso. Note-se, no entanto, que ele trabalhava em informática, o que fez a história da leitura hipertextual e a do próprio conceito de hipertexto terem sempre o viés da tecnologia plugada, como se tecnologias *unplugged* anteriores não tivessem passado por processos semelhantes de modelação e remodelação.

Historicamente, os informatas vêm trabalhando para conceber máquinas que processam informação como o cérebro humano, capazes até mesmo de aprender, e interfaces cada vez mais familiares, para conseguir a adesão imediata de novos usuários, sem ter que forçá-los a “aprender do zero”. No início dos anos 1960, foi a vez de Theodore Nelson inventar o termo *hipertexto* para exprimir a idéia da escrita / leitura não-linear “em um sistema de informática” (Lévy, 1993, p.29). Portanto, a primeira aplicação do termo *hipertexto* foi mesmo empregada para o contexto da informática. Porém, com a consolidação e com as reflexões sobre o conceito, ele passou a ser empregado em relação ao impresso, numa reconfiguração muito pertinente entre conceitos e objetos:

O hipertexto tem história recente, mas possui fundamentos antigos nas enciclopédias, nas coleções e nas bases de dados. As dificuldades semânticas de acesso aos documentos e aos conhecimentos não desapareceram, mas foram, em parte, contornadas, por meio de novos dispositivos pragmáticos. (Laufer & Scavetta, s./d., p.8)

Sendo assim, navegar por um texto não é algo restrito ao suporte digital, como a tela, por exemplo, mas refere-se ao percurso que o leitor pode fazer em determinado objeto de leitura (texto, gráfico, legenda, sumário, índice), de acordo com suas escolhas, a partir de opções de caminho.

Trata-se, como se quer demonstrar, mais de uma reconfiguração das práticas de leitura e das formas de produção e publicação de textos às possibilidades do novo suporte do que propriamente de uma novidade; assim, a pretensa revolução da informática perde sua mística e torna-se mais um rearranjo da era da tecnologia da escrita e suas conseqüentes tecnologias de escrita, formatação, registro e leitura.

Tanto Chartier (1998) quanto Lévy (1993), ao refletirem sobre os hipertextos impressos, digitais e até mesmo



manuscritos, terminam por sugerir que não há, de fato, novidade absoluta no aparecimento do texto suportado pelo computador<sup>4</sup>. A novidade está no próprio suporte e na velocidade com que os nós são acessados nos hipertextos digitais. Chartier (1995; 1996; 1998b; 2002) tece comparações explícitas entre impresso e digital, sempre no sentido de evidenciar diferenças importantes entre os dois objetos de leitura, o que não significa distinguir e separar os processos de lê-los:

O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (Chartier, 1998, p.12,13)

## HEURÍSTICAS E EFEITOS

Que rastros da leitura em material impresso podem ser verificados na leitura de hipertextos digitais? Como o domínio das práticas de leitura em suporte impresso pode contribuir para a leitura em ambiente digital? Essas são as questões que nos inquietam e que pretendemos resolver historiando as tecnologias de escrita e de leitura, sempre levando em conta suportes e meios de publicação, além de refletirmos sobre heurísticas e efeitos estudados e planejados pelas Ciências da Computação, mais especificamente a Usabilidade, na tentativa de facilitar a lide do usuário com a máquina, seja ela uma

---

<sup>4</sup> Em Rouet et al. (1996) muitos experimentos apontam para a mesma conclusão, especialmente os relacionados aos hipertextos montados para o estudo de temas da História.

caneta ou um *palm top*<sup>5</sup>.

Segundo a Usabilidade, uma heurística importante para o desenvolvimento de máquinas e interfaces é aquela segundo a qual é preciso fazer o leitor / usuário, especialmente o novo leitor, “reconhecer em vez de memorizar” ([www.usability.gov](http://www.usability.gov)). Segundo esse padrão de construção de interfaces, é ideal que o usuário não se assuste ou não tenha que aprender absolutamente tudo de novo quando depara com uma máquina nova ou com um *software* mais recente. O interessante é desenvolver produtos familiares ao leitor / usuário, a fim de que ele se sinta apto a usar o programa ou a máquina, sem perder muito tempo reiniciando seu aprendizado e sem desistir.

Sob o mesmo raciocínio foram criados os teclados de computador, que deveriam se parecer com as máquinas de escrever, inclusive mantendo o padrão de toques que os datilógrafos do mundo inteiro já empregavam. Eis uma estratégia de enorme importância para que o usuário trocasse de tecnologia sem perder a paciência. Também uma estratégia que facilitava a adesão de mais e mais usuários, uma vez que não causava impacto de ‘desconhecido’. A isso dá-se o nome de “efeito de rede” em informática, conforme Rorhman (2005).

Se isso acontece para facilitar os passos que damos rumo à utilização de uma nova máquina, o que fazemos com o raciocínio enquanto leitores, à medida que aprendemos a ler em um novo suporte? Atualmente, vem-se mencionando muito a atividade intensa de um leitor que escolhe, aperta botões e tem objetivos, como se isso fosse incomum na história de um leitor que segurava um livro ou um jornal e lia em silêncio. Veja-se o que afirmava Carpenter, co-autor com McLuhan<sup>6</sup>, na década de 1970:

---

<sup>5</sup> Computador de mão.

<sup>6</sup> Pesquisador famoso pela obra clássica *A galáxia de Gutenberg*, assim como teórico dos meios de comunicação pensados como extensões do homem e pela expressão “aldeia global”.

Quando lemos, uma pessoa pensa por nós; repetimos meramente o seu processo mental. A maior parte da atividade do pensamento, do trabalho de pensar, é realizada para nós. Por isso nos alivia apanhar um livro depois de estarmos ocupados com os nossos próprios pensamentos. Ao ler, a mente é apenas o *playground* para as idéias de outra pessoa. As pessoas que passam a maior parte da vida lendo perdem frequentemente a capacidade de pensar, tal como as que andam sempre de veículo perdem o hábito de caminhar. Algumas pessoas tornam-se estúpidas de tanto ler. (Carpenter, 1971, p.209)

Para nós é evidente que o leitor não lê o texto isolado de seu suporte ou da história pregressa de leituras que cada um acumula, não de forma estanque, frise-se, mas de forma reconfigurante e ativa. Certamente, a informática não fez surgir, do nada, um leitor ativo e incisivo. Esse leitor, mesmo que quieto e em silêncio, já operava complexa e ativamente. O leitor de jornal, por exemplo, opera de forma a ter expectativas, comportamentos e gestos específicos para aqueles textos naquele suporte, o que não é inato, mas, sim, aprendido em sociedade e aperfeiçoado com o uso. Essa mesma forma de ler não é estanque, mas compartilhada e empregada quando da leitura de outros produtos, quais sejam: revistas, enciclopédias, todos exemplos de hipertextos impressos. Também é importante lembrar que, mediante a experiência e as demandas do leitor, o jornal modificou-se ao longo do tempo, ganhando formato, papel, fonte e diagramação adequados ao conforto de um leitor que não foi e não é passivo. Essas reformulações também ocorrem e devem ocorrer ao longo da história dos novos suportes, tanto em relação ao meio digital, quanto em relação às interfaces e até mesmo aos gêneros de texto específicos delas.

O leitor sócio-histórico depara com o texto em novo suporte e, por “efeito de rede” (Rohrman, 2005), aplica o que conhece de tecnologia de leitura ao artefato semidesconhecido, até conseguir bons resultados e algum apuro. Esse leitor é o

usuário comum de textos, qualquer um que guarde uma espécie de histórico de comportamento que pode ser reconfigurado à medida que aprende e se atualiza com as experiências, de vida e de leitor.

É pelo “efeito de rede” que o usuário se permite explorar programas, entrar cauteloso, mas curioso, pelas novas tecnologias e aprender com sutileza novas formas de operar. O texto em tela não sofre grandes modificações estruturais e nem mesmo o suporte (mesmo do ponto de vista comercial) pode se dar ao luxo de ser algo absurdamente novo. Trata-se de uma nova solução para ações que o homem sempre desejou, no entanto sem tanto ineditismo, como apregoam alguns.

Para nós, se o leitor obtém condições mínimas de conforto na lide com o suporte digital do texto e *tem letramento*<sup>7</sup> suficiente para a navegação e a leitura em suportes que simulem a leitura hipertextual, ainda que sejam objetos impressos, então a qualidade da compreensão e da interpretação dos textos, estejam eles em papel ou em tela, não se modificará de maneira sensível. A mudança se dará nas ações coordenadas que ele deverá reconhecer e aprender para lidar com o novo suporte.

Para ajudar em nossa reflexão sobre o tema, recorreremos à história das práticas de leitura assim como à história das tecnologias e dos diversos suportes de texto, desde a invenção da escrita, principalmente da alfabética. Nesse tipo de registro, encontramos informação e pesquisa suficientes para concluir pela existência pregressa do hipertexto e da leitura não-linear, muito antes da invenção do computador e da Internet. Considerando que a sinalização dos nós ou *links*<sup>8</sup>, a familiaridade com a interface (interface ‘amigável’) e as

---

<sup>7</sup> Para esclarecimentos sobre o conceito de letramento, ver Magda Soares na obra *Letramento*. Um tema em três gêneros, da editora Autêntica, 2004.

<sup>8</sup> Recurso que permite sair de um “lugar” do texto e ir para outro a partir de um clique em um trecho marcado do texto.

possibilidades mais ou menos abertas de percurso fazem com que um objeto de leitura possa ser chamado, por alguns, de hipertexto, sabemos que jornais e revistas atendem a uma configuração mínima para que possam ser encarados como hipertextos, ainda que não sejam necessariamente digitais.

O jornal ou revista, refugos da impressão bem como da biblioteca moderna, são particularmente bem-adaptados a uma atitude de *atenção flutuante*, ou de interesse potencial em relação à informação. Não se trata de caçar ou de perseguir uma informação particular, mas de recolher coisas aqui e ali sem ter uma idéia preconcebida. (...) *Só podemos nos dar conta realmente do quanto a interface de um jornal ou de uma revista se encontra aperfeiçoada quando tentamos encontrar o mesmo desembaraço num sobrevôo usando a tela e o teclado.* (Lévy, 1993, p.35,36) [Grifos nossos]

Segundo Lévy (1993), revistas e jornais são hipertextos em que o leitor pode navegar a partir de uma primeira página que oferece indicações (manchetes, títulos, paginação, caderno, etc.) que o guiam para a matéria de seu interesse. Índices e sumários oferecem maneiras mais eficientes e ágeis de chegar a determinado tema ou texto, sendo que o leitor deve desenvolver aptidão em promover buscas a partir do sistema que encontra.

No caso do impresso, o leitor navega pela primeira página ou pelo índice, mas tem contato anterior com a íntegra do documento que se encontra em suas mãos. A importância de conhecer o texto de leitura e onde ele está inserido (jornal, revista, folder, livro, etc.) cria uma diferença entre hipertexto impresso e hipertexto digital, embora essa diferença não chegue a prejudicar a qualidade da leitura, uma vez que o processo mental de ler fará seus percursos de maneira hipertextual e balística.

Para Lévy (1993), o hipertexto digital não se encontra em *open field* nas mãos do leitor. O texto se encontra redobrado nas páginas digitais, de forma que o leitor jamais terá acesso

ao documento na íntegra. Essa diferença sugere certa infinitude ao material digital e certo domínio do material impresso ao leitor-navegante. No entanto, pensamos que, se considerarmos que toda leitura é hipertextual (porque aciona referências de todos os campos e procura por novas referências para construir sentido), então também saberemos que qualquer material de leitura se encontra redobrado e que seus desdobramentos dependem da atividade do leitor, que jamais terá, em qualquer situação, um corpo de texto íntegro, em *open field* diante de si.

#### IMPLICAÇÕES DE SE PENSAR SOBRE HIPERTEXTUALIDADES

Conforme já sugerimos, o leitor letrado, conhecedor de muitas formas de texto e de hipertexto impressos, não mostra dificuldade em ler no meio digital. Reconfigura seus gestos, seus modos de busca, suas reações ao suporte, suas expectativas, mas navega com agilidade e compreende com eficiência. Mas qual teria sido o trajeto desse leitor do “analógico” ao “digital”? Como ele teria agido ao tatear a nova possibilidade de leitura e escrita? O que ocorre com leitores completamente estranhos à leitura em tela ao tomarem contato com ela? Segundo nossa hipótese, que pensamos ser comprovável, o leitor habituado à leitura de textos em suportes que simulam hipertextos mentais dará um passo fácil em direção à leitura em tela e a suas possibilidades<sup>9</sup>. A travessia do leitor de impressos em direção à leitura em novos meios e suportes, na intenção (implícita, ao menos) de ampliar seus horizontes como leitor ou seus horizontes de letramento, deve alcançar sucesso com rapidez. E se isso pode ocorrer,

---

<sup>9</sup> Esta pesquisa vem sendo desenvolvida por mim atualmente no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, sob orientação da Profa. Dra. Carla Viana Coscarelli, e resultará na tese de doutorado provisoriamente intitulada *Trajeto do leitor no papel e na tela. Letramentos, reconfigurações e práticas da leitura em interfaces hipertextuais impressas e digitais*.

então não faz tanto sentido distinguir o letramento digital como algo à parte, quando ele deve ser apenas mais uma modalidade do letramento, entendido como conceito amplo e aplicável a quaisquer suportes ou mídias.

## CONCLUSÃO

Texto e hipertexto podem ser, do ponto do vista do processamento mental da leitura, uma mesma coisa. Serão diferentes se considerados como produtos, especialmente a depender de que critérios os definem. Se o critério prevalente for o ambiente em que são publicados, então hipertextos deverão estar na WWW. Se o critério de definição for o formato não-linear do produto, então, mais uma vez, hipertextos serão os textos formados por fragmentos articulados e articuláveis por nós de informação que se tangem. Se ambos os critérios caminharem juntos, outra definição de hipertexto, mais restritiva, emergirá. E assim por diante. Quanto aos processos mentais da leitura, esses funcionarão ativamente, como sempre funcionaram, porém, agora, disparados por novos formatos. Talvez esses processos pareçam extremamente novos, se forem observados a partir do comportamento gestual e “manipulativo” do novo leitor.

Uma discussão como esta chega, facilmente, a tocar âmbitos como a Educação e a Pedagogia, além da História e da Lingüística. O leitor em formação, mesmo na escola, pode tatear as novas possibilidades e ampliar seu letramento, considerando-se que seja interessante para qualquer leitor adquirir maior amplitude em seu trato com o texto escrito, isto é, aumentando sua esfera de ação também para as possibilidades da Internet.

Pensando na importância da versatilidade do leitor, entendemos que a ampliação dos modos de leitura, a familiaridade com leituras feitas em diferentes suportes e o retorno desse tipo de aprendizado para os produtores de textos e interfaces para novos modos de leitura podem ser

grandes justificativas para o empreendimento de pesquisas.

A World Wide Web não deve ser compreendida apenas como espaço de lazer ou negócios, mas, principalmente, como um novo lugar de escrita, publicação e leitura, até mesmo dado à emergência de novos gêneros discursivos e textuais (e-mail, chat, etc.), assim como de novas formas de interação (listas de discussão, fóruns, orkut, blogs, etc.), sem falar na possibilidade, cada vez mais aperfeiçoada, da Educação a Distância (EAD). O texto, na Internet, enfatiza a circulação em detrimento da estocagem de informação, algo que traz ansiedade aos bibliófilos, mesmo aos moderados.

Na tentativa de “significar” a produção de textos para os escritores em formação, o professor deve considerar a importância de um suporte em que se pode publicar sem intermediação, onde o aluno pode ver seu texto lido por um público autêntico, algo que soa muito mais interessante do que produzir textos apenas para o professor. A publicação pode trazer acréscimos à auto-estima e à construção da autoria, além de motivar os produtores de textos a escreverem de maneira mais significativa.

Em nível prático, pode-se ensaiar a formulação de maneiras de orientar os leitores ‘analógicos’ para que se tornem, também, leitores do meio digital, onde poderão fazer crescer suas possibilidades de acesso a informação, grupos de discussão, práticas de escrita intensivas e intensas e acompanhar e ajudar a estabilizar novos gêneros de texto.

O leitor conectado vem estabelecendo novos usos para a linguagem e isso traz gêneros textuais novos, novas formas de comunicação, novas maneiras de escrever. Se tanto, então também traz novas formas de ler e interagir. O trabalho da escola pode viabilizar a entrada de mais interlocutores na Rede, tanto na função de escritores quanto na de leitores, co-autores e aprendizes das maneiras dinâmicas de lidar com textos, calibrando cada vez melhor as atualizações de sentido e a leitura crítica, a triagem de informação e a seletividade, na era do zapear, ainda que ela nos pareça apenas mais uma boa



oportunidade de fazer o que o leitor e o escritor sempre fizeram nos modos *unplugged* de ler e escrever.

#### REFERÊNCIAS

BUSH, Vannevar. As we may think. *The Atlantic Monthly*, July 1945. In: [www.theatlantic.com/doc/194507/bush](http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush). Acessado em 2 de dezembro de 2005.

CARPENTER, Edmund. As novas linguagens. In: CARPENTER, Edmund; McLuhan, Marshall (Org.). *Revolução na comunicação*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes. Razão, emoção e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GARDNER, Howard. *A nova ciência da mente*. São Paulo: Edusp, 1996.

LAUFER, Roger; SCAVETTA, Domenico. *Texto, hipertexto, hiperídia*. Trad. Conceição Azevedo. Porto: Rés-Editora, s/d. (Coleção Cultura Geral)

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: 34, 1993.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Ler na tela. Novos suportes para velhas tecnologias*. 2003. 144 p. (Dissertação de mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

ROHRMAN, Carlos Alberto. *Curso de Direito Virtual*. Belo Horizonte: Del Rey, 2005.

ROUET, Jean-François et al. *Hypertext and cognition*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção Comunicação)

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

<<http://www.usability.gov>> Acessado em novembro de 2002.

[Recebido em junho de 2005  
e aceito para publicação em maio de 2006]

**Title:** *Text and hypertextual reading – new products, old processes*

**Abstract:** *In an attempt to rethink text and hypertext in the perspective of computer literacy, this paper proposes that there is a continuum between press and digital technologies, mainly when reading and writing are concerned. Our hypothesis, tested in a qualitative research at Universidade Federal de Minas Gerais, is that readers used to the press hypertext simply reconfigure their practices when dealing with digital hypertext. They do not necessarily have to learn how to deal with this new environment, but simply to remodel some reading movements. In order to get these results, however, it is crucial that the digital text follow certain rules of Usability.*

**Keywords:** *text; hypertext; reading.*